

Glauber ROCHA_ De onde se avista todo o sertão e se espera vislumbrar o mar

(entrada livre)

Programação (Dezembro de 2013 a Março de 2014)

Barravento (1962);

Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964);

Terra em Transe (1967);

**Antônio das Mortes/O Dragão da Maldade
contra o Santo Guerreiro** (1969)

(sinopses e crítica abaixo)



BARRAVENTO (Brasil, 1961, 77 min)

Inicialmente Glauber Rocha deveria ter sido assistente de realização deste filme. Mas, como disse a sua mãe numa entrevista, “arreatou” o filme ao realizador Luiz Paulino dos Santos ao cabo de alguns dias de rodagem e realizou-o sozinho, fazendo alterações no argumento. De todos os seus filmes, é o único que tem uma narrativa tradicional. A ação passa-se numa comunidade de pescadores negros na Baía, que tem de alugar a um preço muito alto um instrumento de trabalho essencial, as redes de pesca. Nasce um conflito que opõe dois pescadores: um está disposto a um compromisso, encorajado por um sacerdote de ritos afro-brasileiros; o outro, que vivera numa cidade, atíça o conflito.

Cinamateca Portuguesa

Realização: Glauber Rocha

Interpretação: Antonio Pitanga, Luiza Maranhão, Lucy de Carvalho

Argumento: Luiz Paulino Dos Santos, Glauber Rocha, Jose Teles

Produção: Braga Netto, Rex Schindler

Música: Canjiquinha

Fotografia: Tony Rabatoni

Montagem: Nelson Pereira dos Santos

Classificação: M/12



DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL (Brasil, 1964, 118 min)

O filme que tornou Glauber Rocha internacionalmente célebre aos 26 anos e marcou a irrupção do Cinema Novo brasileiro no panorama internacional, ao lado de VIDAS SECAS e OS FUZIS, de Nelson Pereira dos Santos e Ruy Guerra, respetivamente. Em DEUS E O DIABO... Glauber conjuga mitos e realidades, através da história de um miserável casal de camponeses, entre o messianismo religioso e a revolta armada desordenada. O filme é percorrido por lembranças do cinema soviético e utiliza diversas canções como comentário à ação. Uma obra operática e trágica.

Cinamateca Portuguesa

Realização e Argumento: Glauber Rocha

Interpretação: Othon Bastos, Leonardo Villar, Yoná Magalhães, Maurício do Valle

Produção: Luiz Augusto Mendes

Música: Sérgio Ricardo

Fotografia: Waldemar Lima

Montagem: Rafael Justo Valverde

Classificação: M/16



TERRA EM TRANSE (Brasil, 1967, 105 min)

"Filme admirável, negro poema, TERRA EM TRANSE mostra como se fazem e se desfazem, no 'terceiro mundo europeu', as ditaduras tropicais", escreveu à época Marguerite Duras. Longe do sertão e dos cangaceiros, inteiramente situada no Rio de Janeiro, a terceira longa-metragem de Glauber Rocha é sem dúvida o mais "cinematográfico" dos seus filmes. O protagonista é um jornalista que oscila entre um potencial tirano de esquerda e um potencial tirano de direita. Começando pela agonia do protagonista, o filme desenrola-se num longo flashback, numa montagem fragmentada, mas absolutamente coerente.

Cinemateca Portuguesa

Realização, Argumento e Produção: Glauber Rocha
Interpretação: Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy, Glauce Rocha
Música: Sérgio Ricardo
Fotografia: Luiz Carlos Barreto
Montagem: Eduardo Escorel
Classificação: M/16



ANTÔNIO DAS MORTES / O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO (Brasil, 1969, 95 min)

Mais conhecida como ANTONIO DAS MORTES, esta primeira longa-metragem a cores de Glauber Rocha amplia o universo de DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, com uma mise-en-scène que tem alguns pontos em comum com o western spaghetti. O filme aproxima certos mitos populares brasileiros e a alegoria política. O protagonista, Antonio das Mortes, assassino por contrato a serviço dos poderosos, já surgira em DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL. Mas desta feita acaba por se voltar contra eles e massacra os representantes da ordem estabelecida.

“ANTONIO DAS MORTES é o meu ALEXANDRE NEVSKI, é o ALEXANDRE NEVSKI do sertão, a ópera global inspirada pelas lições de Eisenstein” (Glauber Rocha).

Cinemateca Portuguesa

Realização, Argumento: Glauber Rocha
Interpretação: Maurício do Valle, Odete Lara, Lorival Pariz, Antonio Piranga
Produção: Claude-Antoine, Glauber Rocha
Música: Marlos Nobre
Fotografia: Affonso Beato
Montagem: Eduardo Escorel
Classificação: M/16



Supernova tropicália

Jorge Mourinha, Público de 3 de Janeiro de 2013

Glauber Rocha (1939-1981) é um daqueles nomes de que se ouviu falar mas que pouco se viu. Em 2012, a *Cinemateca Portuguesa* e *Guimarães 2012* prestaram-lhe a homenagem devida, com esta edição em DVD a possibilitar agora que as suas principais obras cheguem ao máximo de espectadores possíveis, nas versões restauradas a partir dos negativos originais que os herdeiros supervisionaram ao longo dos últimos anos.

Para quem nunca viu um filme de Glauber, o embate vai ser inevitavelmente brutal e a edição da *Midas* é o ponto de entrada ideal. Pega nos três filmes-chave da obra – *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Terra em Transe* (1967) e *Antônio das Mortes/O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (1969) – e enquadra-os com a primeira e a última obras do realizador, *Barravento* (1962) e *A Idade da Terra* (1980). Permite desenhar o percurso de Glauber, o modo como o seu cinema “tudo ao mesmo tempo agora”, primitivista e experimental, mergulha progressivamente mais fundo e voa cada vez mais alto, como uma supernova que consome tudo no seu caminho. Pode-se dizer tudo o que se quiser do cinema de Glauber – e provavelmente ter-se-á sempre razão – mas nada, rigorosamente nada, em nenhuma outra parte do mundo, atingiu a conjugação improvável de rigor cinéfilo e liberdade criativa que talvez só pudesse existir desta maneira num universo fora dos grandes centros “clássicos” de produção.

O que Glauber fez é simples: um *melting-pot* antropofágico, canibalizando pedaços e convenções de géneros e estilos num caldeirão a ferver com referências culturais indígenas, transmutando-as numa espécie de “estética da

pobreza” urgente, idealista, romântica, selvagem, barroca, em busca de uma liberdade e de um caminho intransmissivelmente brasileiros. Glauber foi o primeiro e o maior de todos os tropicalistas, o movimento bahiano que revelaria uma geração crucial da música popular brasileira. Caetano Veloso nunca hesitou em afirmar publicamente a dívida dos tropicalistas ao cinema de Glauber, norte que indicava as potencialidades de uma arte puramente brasileira, bruta e sofisticada, cosmopolitana e provinciana, onde a “alta cultura” e a “baixa cultura”, o erudito e o popular, se miscigenavam sem preconceitos. Eisenstein e Godard, Rossellini e Ford, os romances de cordel e o western, os folclores nordestino e bahiano e o panfleto político. (...)

Glauber era o cantor de um Brasil telúrico e contraditório. Veja-se a estrutura bipartida do torrencial **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, história de um camponês sertanejo que procura sobreviver entregando-se primeiro à religião e depois ao banditismo, para acabar exactamente no mesmo ponto onde começou. Imagem de um povo perdido e manietado que Glauber continuaria a afinar no seu cinema apostado em acordar consciências e apontar as contradições constantes de um Brasil dominado por elites gananciosas. Não é outro o tema de **Terra em Transe**, onde a luta pela liberdade se transfere para a dimensão política através da alegoria dissonante de um poeta idealista forçado a comprometer os seus ideais.

Ambas as dimensões se confundem em **Antônio das Mortes** (prémio de melhor realizador em Cannes), quase-sequela de Deus e o Diabo..., onde Glauber ensaia pela primeira vez a cor de modo psicadélico e sangrento, onde a dialéctica do opressor e do oprimido se disfarça de western fajuto (feijoada em vez de spaghetti) e teatro folclórico de rua com subtexto político. Os três filmes, respectivamente segunda, terceira e quarta longas das nove assinadas pelo cineasta, compõem um tríptico central para a compreensão das paisagens da cultura brasileira dos anos 1960, da vontade de criar uma linguagem própria, um esperanto revolucionário-tropicalista.

Antes da trilogia, houvera **Barravento**, primeira longa. Começou por ser a estreia do amigo Luiz Paulino dos Santos que, na sequência de um primeiro período de rodagem desastroso, foi despedido e substituído por Glauber, que reescreveu e terminou o filme; resultou uma tragédia etnográfica cujo neo-realismo marinado no misticismo bahiano anunciava a chegada do tropicalismo. Depois, haveria uma progressão em direcção ao experimentalismo puro e duro, culminando em **A Idade da Terra**, que exigiu dois anos de montagem e estrearia em Veneza 1980 onde, arrasado pela crítica, ganhou aura de filme maldito. (...)

CICLO Glauber Rocha _ Cinemateca Portuguesa, Setembro de 2013

Quando Glauber Rocha morreu, aos 42 anos, em 1981, Serge Daney escreveu no Libération: “De todos os grandes perturbadores do cinema moderno, ele era sem dúvida aquele que estava mais longe de nós”. De facto, ao morrer, o cineasta brasileiro estava muito isolado e parecia pertencer ao passado. E, no entanto, Glauber Rocha fora uma das mais fulgurantes figuras dos novos cinemas dos anos sessenta, a personalidade mais conhecida do Cinema Novo brasileiro, que deu que falar junto à crítica internacional. A sua carreira começou verdadeiramente com o segundo filme, DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL que causou sensação no Festival de Cannes em 1964. Três anos depois, TERRA EM TRANSE, bastante diferente, causaria uma imensa polémica no Brasil, que ultrapassou as fronteiras do cinema e marcou o apogeu do prestígio do realizador. Mas O DRAGÃO DA MALDADE E O SANTO GUERREIRO, mais conhecido como ANTONIO DAS MORTES, foi atacado pelos cineastas brasileiros underground, que o consideraram académico e decorativo. Depois da apresentação deste filme no Festival de Cannes em 1969, onde recebeu o prémio de melhor realização ex aequo, diante de um júri presidido por Luchino Visconti, Glauber Rocha preferiu exilar-se, devido à violenta repressão política que se abateria sobre o Brasil em fins do ano anterior. Ficaria sete anos num exílio que o levou a França, Itália e Cuba. E neste período, o seu cinema mudou radicalmente, tornando-se cada vez mais alegórico: DER LEONE HAVE SEPT CABEZAS, CABEZAS CORTADAS, CLARO. Ao regressar ao Brasil em 1976, é recebido com efusão e realiza uma brilhante curta-metragem, DI CAVALCANTI. Mas em breve torna-se uma figura altamente polémica e contestada, tornando-se objeto de uma certa rejeição. Realiza uma ambiciosa longa-metragem, A IDADE DA TERRA, apresentada no Festival de Veneza, onde foi pessimamente recebida. Decide então permanecer na Europa, primeiro em Paris e depois em Sintra, onde trabalhou num argumento sobre Os Maias. Patrick Bauchau realizou então um documentário sobre ele, significativamente intitulado SINTRA IS A BEAUTIFUL PLACE TO DIE. Em agosto de 1981, Glauber Rocha regressaria ao Rio de Janeiro em estado de coma e morreria no dia seguinte. Há trinta e um anos, Serge Daney concluía o seu artigo necrológico da seguinte maneira: “Ele desnoiteou, inventou, chocou, dececionou. Nada cedeu do seu desejo. Com obstinação, nunca deixou de fazer uma pergunta, que temo se tenha tornado obsoleta: o que seria um cinema que não devesse nada aos Estados Unidos? Talvez seja perguntar demais. Mas quem responderá?”. A sua obra veemente continua cercada por um misto de veneração (é praticamente proibido criticá-lo no Brasil) e incompreensão. Este Ciclo talvez contribua para indicar se Glauber Rocha está mais ou menos “longe de nós” do que em 1981.